

REFLEXÕES EM TORNO DA CONDIÇÃO PÓS-MODERNA E DAS RAZÕES DO MAL ESTAR CONTEMPORÂNEO

Ana Luiza Oliva Buratto*

RESUMO: *Nesse artigo, a autora foca seu olhar e sua atenção no discurso sobre a cultura contemporânea, especialmente sobre aquele empreendido por Jean François Lyotard na sua mais conhecida obra “A Condição Pós-Moderna”, uma vez que esta, ao portar uma série de idéias que se constituíram em panorama das transformações mais profundas sofridas pela cultura ocidental no final do século XX, traz, no seu bojo, questões filosóficas e epistemológicas ligadas ao poder e ao saber, elementos estes que se constituem de fundamental importância para a compreensão da constituição do sujeito e da família na atualidade. Após uma breve reflexão crítica sobre essa condição pós-moderna de cultura, a pesquisadora empreende um esforço de busca das razões e da caracterização do denominado mal-estar contemporâneo, o que a leva ao encontro do clássico e seminal texto de Freud “O Mal Estar na Cultura”, escrito em 1930. Tenciona-se, com este trabalho, apontar possíveis relações entre a presente condição de cultura e esse mal-estar característico da contemporaneidade, especialmente em relação aos aspectos vinculados às sensações de desordem, insegurança e incerteza que lhes integra e que provavelmente exercem, além do mal-estar mencionado, outros fortes impactos sobre a subjetividade contemporânea.*

Palavras-chave: Contemporaneidade; Mal-estar; Subjetividade.

INTRODUÇÃO

Este artigo se constitui em um trabalho de revisão de literatura, que se vincula à linha de pesquisa Família e Subjetividade. Contém reflexões empreendidas pela pesquisadora durante a elaboração da sua dissertação de Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea, denominada *O Impacto dos Modos de Subjetivação Contemporâneos sobre a Família*. Nesta pesquisa busca desvelar as condições de possibilidade do sujeito contemporâneo e suas conseqüentes inflexões sobre a família, mediante a apresentação do problema em forma da equação contemporaneidade - modos de subjetivação - família, constituindo-se, os modos de subjetivação o elemento central de análise, e, como tal, aquele que estabelece o elo entre contexto e família.

No seu percurso investigativo, o pesquisador foi conduzido ao encontro com Lyotard que, na sua estrutura interpretativa, trouxe o conceito de condição pós-moderna como sendo uma mudança radical na maneira como o saber passou a ser produzido, distribuído e legitimado na sociedade capitalista contemporânea. Esse novo modo de produzir e legitimar o saber caracterizou-se, particularmente, pela incredulidade em relação aos metarrelatos filosóficos relacionados à explicação da condição histórica do homem ocidental, nos seus aspectos econômicos, sociais e culturais. É importante não reduzir essas transformações a aspectos institucionais ocorridos no exterior da sociedade, uma vez que, de acordo com o próprio Lyotard,

* Psicóloga, mestranda do programa de pós-graduação Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador – UCSAL, tendo como orientador o Professor Doutor José Euclimar Xavier de Menezes. E-mail: analuiza.mestrado@terra.com.br

ela também se relaciona com aspectos inerentes à estrutura interna das grandes narrativas, ou seja:

A crise do saber científico, cujos sinais se multiplicam desde o fim do século XIX, não provém de uma proliferação fortuita das ciências, que seria ela mesma o efeito do progresso das técnicas e da expansão do capitalismo. Ela procede da erosão interna do princípio da legitimação do saber. (LYOTARD, 2004, p.71)

Essa mudança no estatuto do saber além de fazê-lo “[...] mais subordinado do que nunca às potências e correndo até mesmo o risco, com as novas tecnologias, de tornar-se um dos principais elementos de seus conflitos [...]” (LYOTARD, 2004, p. 13), gera também forte influência sobre a subjetividade contemporânea que, diante do vazio decorrente da ausência de certezas e verdades oriundas da racionalidade humana e direcionadas à compreensão do mundo material e social, é responsável por uma forte sensação de desconforto, de verdadeiro mal-estar em relação aos propósitos e destinos da vida humana sobre a Terra.

DESVELANDO A CONDIÇÃO PÓS-MODERNA COMO CONDIÇÃO DE CULTURA

Tratar de condição pós-moderna é tratar, portanto, do caráter mutável do conhecimento, numa sociedade na qual esse conhecimento tornou-se sua principal força de produção. Nos países em vias de desenvolvimento, entretanto, constitui-se em um forte ponto de estrangulamento. Sob a forma de mercadoria informacional indispensável ao poderio produtivo, o saber torna-se, possivelmente, o mais importante elemento na competição mundial pelo poder. Assim é que a crítica sobre a condição pós-moderna aponta:

Do mesmo modo que os Estados-nações se bateram para dominar territórios, e com isto dominar o acesso e a exploração das matérias-primas e da mão-de-obra barata, é concebível que eles se batam no futuro para dominar as informações. Assim encontra-se aberto um novo campo para as estratégias industriais e comerciais e para as estratégias militares e políticas. (*ibid.*, p. 5)

Dessa afirmação, pode-se deduzir que sem saber científico e técnico não se tem riqueza.

Nesse contexto e nessa condição, a cultura emerge como a principal determinante da realidade econômica, política, filosófica e mesmo subjetiva da sociedade pós-industrial, por meio da intensa e íntima articulação entre saber e poder. É preciso não esquecer que essa articulação estabelece forte conexão entre cultura, ciência e tecnologia, uma vez que a multiplicação dos meios informacionais não só afeta a circulação dos conhecimentos como também submete o que deve ser produzido cientificamente à condição de tradutibilidade dos seus resultados em linguagem de máquina. Produtores e consumidores de saber devem ter os meios de traduzir, nestas linguagens, o que desejam inventar ou aprender. Nessa relação entre fornecedores, usuários e conhecimento, este último assume valor de troca. É Lyotard quem ratifica essa idéia: “O saber é e será produzido para ser vendido, e ele é e será consumido, para ser valorizado numa nova produção: nos dois casos para ser trocado. Ele deixa de ser para si mesmo seu próprio fim; perde o seu ‘valor de uso’.” (*ibid.*, p. 5)

A cultura pós-moderna e a sociedade industrial guardam, assim, uma ligação, que é mais de convergência e de complementaridade do que de oposição. Por essa razão, hoje também não se diferencia mais a cultura da economia. Entretanto, há aqueles que ainda se espantam e reagem a essa idéia, comentando “O estranho na produção cultural pós-moderna é o ponto até o qual a mera procura de lucros é determinante em primeira instância” (HARVEY, 2004, p. 301). Essa

estreita ligação entre cultura e economia contemporâneas pode ser comprovada, na realidade cotidiana, tanto por meio do papel e do espaço que a publicidade passou a assumir no interior da cultura, como pela maneira como os eventos culturais – artísticos e esportivos – passaram a ser utilizados na promoção empresarial. Nessa trilha tem-se a cultura colonizando a economia e a economia *mercantilizando* a cultura.

A EXTERIORIZAÇÃO DO SABER NA CONDIÇÃO PÓS-MODERNA

A condição pós-moderna trata, portanto, da situação do conhecimento no estado presente, do mundo contemporâneo, trazendo, entre alguns dos elementos subjacentes à sua compreensão, a computadorização da sociedade e o desenvolvimento das telecomunicações. Em face dessa hegemonia da informática e da expansão da telemática:

Pode-se então esperar *uma explosiva exteriorização do saber em relação ao sujeito que sabe (sachant)* [grifo nosso], em qualquer ponto que este se encontre no processo de conhecimento. O antigo princípio segundo o qual a aquisição do saber é indissociável da formação (Bildung) do espírito e mesmo da pessoa, cai e cairá cada vez mais em desuso. (LYOTARD, 2004, p. 4)

Essa mudança no estatuto do saber significou uma grande reviravolta no que se pensava sobre sua origem e sua produção. Até os anos 50/60, o indivíduo, para se educar, deveria entregar-se desde cedo a uma lenta e gradual *interiorização*¹ desse saber, tanto do seu aspecto multidisciplinar e universal, quanto do disciplinar e superior. A família buscava o apoio da escola e os professores, por serem portadores de um saber completo, tornavam-se principais responsáveis por sua transmissão. Daí a autoridade do professor e a obediência do aluno. Com o avanço da disponibilização do conhecimento e das informações nas sociedades científica e tecnologicamente mais avançadas, por meio da proliferação das bibliotecas, da diversidade de laboratórios, do surgimento de variados tipos de arquivo público e da informatização de todas essas instituições, o saber *exteriorizou-se* e expandiu-se, de forma espantosa, para além dos espaços tradicionais da família e da escola. Pais e filhos, professores e alunos passaram a não apresentar desnível em relação à quantidade de informação que possuíam. Em consequência a essa exteriorização e disseminação do saber, deu-se uma certa desvalorização do papel social da família e da escola como fontes de saberes. Segundo Lyotard, na atualidade:

[...] o essencial do transmissível é constituído por um estoque organizado de conhecimentos. [...] Na medida em que os conhecimentos são traduzíveis em linguagem informática, e enquanto o professor tradicional é assimilável a uma memória, a didática pode ser confiada a máquinas articulando as memórias clássicas (bibliotecas, etc.) bem como os bancos de dados a terminais inteligentes colocados à disposição dos estudantes. (*ibid.*, p. 91-92)

É importante atentar que a grande disseminação de informações e a profunda influência das telecomunicações não só geraram mudanças em relação ao estatuto do saber. Para os especialistas em comunicação, hoje a mídia, além de comunicar, também constrói uma nova *realidade eletrônica*, um novo ambiente cheio de imagens e símbolos. De certa forma, nosso

¹ Por interiorização, Lyotard refere-se ao produto do processo de ensino-aprendizagem tradicional, onde ao aluno, colocado na posição de mero receptor do saber instituído, caberia abrir-se para passivamente receber e integrar no seu íntimo o que lhe fora transmitido.

mundo tornou-se um mundo de simulação, de produção do aparentemente novo por meio de modelos renovados, de geração de realidade sem o real. O resultado de todo esse processo consistiu na produção de uma ‘hiper-realidade’, cujos limites entre o real e o imaginário tornaram-se extremamente fluidos. A imagem passou a imitar o real e o real, como formado por uma série de imagens, tornou-se ilusório. Nessa situação, a história com seu olhar sobre o passado é desvalorizada e a dialética das idéias produzidas perde seu sentido, pela fluidez e aparente tolerância em relação às diferenças e aos limites. A condição pós-moderna manifestou-se, assim, não como anúncio do novo, mas como rejeição do velho, ou seja, negação do passado.

O PROCESSO DE *DESLEGITIMAÇÃO* E O ESTATUTO DA CIÊNCIA NA CONDIÇÃO PÓS-MODERNA

Os avanços tecnológicos na área da comunicação produziram ainda sérios impactos sobre a produção e disseminação da informação, trazendo, no seu bojo, questionamentos e reflexões sobre o estatuto da ciência. Enquanto na sociedade moderna a produção científica era encarada como uma atividade nobre e marcadamente humana, cuja função consistia em romper com a ignorância e o senso comum, no contexto pós-moderno e cibernético, o papel da ciência encontra-se, a princípio, reduzido a um certo modo de organizar, estocar e distribuir informações, tendo a ele sido atribuída uma concepção meramente operacional. A produção científica adquire assim, segundo Lyotard (2004), um status de *tecnologia intelectual* que, afastando-se do seu papel de *práxis especulativa* voltada à formação da pessoa humana e à possibilidade de uma vida mais justa e feliz, submete-se ao capital e ao Estado. Nesse processo, os dispositivos modernos de explicação da ciência são corroídos, gerando uma crise na noção central do imaginário, denominada de *deslegitimação*². Essa crise atinge frontalmente a noção de ordem e conseqüentemente também atinge a idéia de autoridade e de tudo o que era, até então, consistente e significativo. São postos em questão não só os metadiscursos, mas também as delimitações clássicas dos campos científicos. Diante dessa *deslegitimação*, entra em jogo outro dispositivo, que passa a controlar a prova científica: trata-se do critério de desempenho, cujo objetivo, meramente técnico, refere-se à avaliação da eficiência/ineficiência e não mais à do verdadeiro/falso ou do justo/injusto:

É mais o desejo de enriquecimento que o de saber que impõe de início aos técnicos o imperativo da melhoria das performances e de realização dos produtos. A conjunção *orgânica* da técnica com o lucro precede a sua junção com a ciência. As técnicas não assumem importância no saber contemporâneo senão pela mediação do espírito do desempenho generalizado. (LYOTARD, 2004, p. 82)

A ciência passa a assumir, como função social, a formação de competências voltadas ao bom desempenho da dinâmica institucional:

É assim que Luhmann acredita constatar nas sociedades pós-industriais a substituição da normatividade das leis pela eficiência mensurável de procedimentos. O *controle do contexto*, isto é, a melhoria das performances realizadas contra os parceiros que constituem este último (seja este a *natureza*

² Por deslegitimação, termo cunhado por Lyotard, deve-se entender o processo de corrosão dos dispositivos modernos de explicação da ciência, responsável pelo surgimento de novas linguagens que escapam às determinações teóricas desses mesmos dispositivos.

ou os homens) poderia valer como uma espécie de legitimação. Seria a legitimação pelo fato. (*ibid.*, p.84)

A adoção desse critério de desempenho faz com que a ciência comece a abrir caminho para as *narrativas modestas*, assim chamadas por Lyotard, em razão de serem internas às comunidades, nas quais surgem, e de não dependerem de validação externa, ou seja, de terem o caráter de autolegitimação. Por esse motivo, são vistas como paralógicas, no sentido de serem narrativas que, muitas vezes, aceitam o que seriam falsos raciocínios, de acordo com a lógica científica moderna. Referem-se a costumes e práticas locais que, demonstrando sensibilidade às diferenças, inventam suas próprias formas de vida e os meios para expressá-las, tornando, dessa forma, as comunidades referentes mutuamente inteligíveis:

O problema é portanto o de saber se é possível uma legitimação que se valesse apenas da paralogia. [...] Se se parte da descrição da pragmática científica (seção 7), a ênfase deve ser colocada de agora em diante sobre o dissentimento. O consenso é um horizonte, jamais ele é atingido. (*ibid.*, p. 111)

Na medida em que trabalha com o dissentimento no sentido da discordância e da inviabilidade do consenso, a ciência, em sua pragmática, apresenta-se na contemporaneidade como um modelo de sistema *aberto*, gerador de idéias, isto é, de outras regras. Por essa razão, acredita Lyotard que a *paralogia*, na prática científica, oferece um *antimodelo* à ciência, no sentido em que sua legitimação, ao invés de apoiar-se no encontro de respostas e verdades, afirma-se pela capacidade de produzir indagações que darão origem a novos enunciados. Neste ponto, é importante ressaltar que o consenso, como valor social e paradigma de verdade e de justiça, é colocado sob suspeita. Estará também sempre submetido a uma possibilidade de anulação. Essa orientação pode ser verificada na realidade contemporânea, por meio da observação das interações sociais. Nelas, o aspecto temporário vem suplantando a instituição do permanente nas suas mais diferentes expressões, quais sejam afetivas, sexuais, profissionais, familiares, culturais e internacionais. Esta é mais uma razão que se agrega à série de motivos que são possivelmente responsáveis por essa prevalência do provisório e do efêmero na sociedade e na cultura contemporâneas, a maioria deles vinculados à força hegemônica do capital e a seu direcionamento para as vantagens operativas, especialmente aquelas relacionadas com a flexibilidade e o menor custo na produção.

Aspectos como inexauribilidade, abertura, flexibilidade, dissentimento e instabilidade emergem, nessa condição de cultura pós-moderna, ao lado de eficiência, controle, desempenho. Isso possivelmente ocorre em função da incessante busca do novo. O que se apresenta hoje, para nossa contemplação, é simplesmente o seguinte:

[...] a invenção se faz no dissentimento. O saber pós-moderno não é somente o instrumento dos poderes. Ele aguça nossa sensibilidade para as diferenças e reforça nossa capacidade de suportar o incomensurável. Ele mesmo não encontra sua razão de ser na homologia dos experts, mas na paralogia dos inventores. (LYOTARD, 2004, p. xvii)

Analisar as possibilidades de expressão e articulação entre saber e poder na cultura contemporânea constitui-se em atividade preparatória para que se possa empreender o desvendamento dos processos de constituição do sujeito na atualidade, especialmente aqueles relacionados à genealogia do poder e a arqueologia do saber, pesquisados de modo muito particular por Michel Foucault. Daí a importância e o sentido da pesquisa sobre a condição pós-moderna na visão de Lyotard.

RELACIONANDO A CONDIÇÃO PÓS-MODERNA COM O MAL-ESTAR CONTEMPORÂNEO: A DESORDEM E A INCERTEZA COMO INTERFACES.

A complexidade dessa Condição Pós-Moderna faz emergir, de pronto, uma questão à mente daquele que, mergulhado nessa circunstância, busca identificar seu impacto sobre as subjetividades. A questão é a seguinte:

- Como se sente o indivíduo na estrutura social contemporânea, destituída que está de solidez, de continuidade, de certezas?

A reflexão conduz a pensá-lo numa situação de, no mínimo, algum desconforto diante:

[...] da sensação de um novo tipo de incerteza, não limitada à própria sorte e aos dons de uma pessoa, mas igualmente a respeito da futura configuração do mundo [...]. O que é também novo em torno da interpretação pós-moderna da incerteza [...] é que ela já não é vista como um mero inconveniente temporário [...]. O mundo pós-moderno está se preparando para a vida sob uma condição de incerteza que é permanente e irredutível. (BAUMAN, 1998, p. 32)

Essa situação de extrema incerteza, diante de uma realidade difícil de ser determinada e controlada, é, segundo Bauman, responsável por um forte e generalizado estado de mal-estar, identificado como um medo ambiente³, que tem sua origem relacionada especialmente a quatro fatores, a saber: nova desordem do mundo; desregulamentação universal; enfraquecimento ou desintegração de outras redes de segurança e incerteza radical em relação aos propósitos do mundo material e social e da atividade política dentro deles.

Para este pesquisador, a desordem do mundo contemporâneo relaciona-se com a falta de uma estrutura visível e de qualquer lógica que possa se relacionar com o bem-estar da sociedade. Direciona-se para o desaparecimento da política de blocos de poder que, apesar do seu caráter dominador e muitas vezes assustador, oferecia um pouco mais de coerência e direção do que o que vem tomando o seu lugar. Hoje, no lugar deles, quinze a vinte países vêm tentando exercer sua hegemonia sobre o resto do mundo, por meio da imposição de suas idéias sobre progresso e felicidade, todas elas submetidas ao paradigma do crescimento econômico. Por outro lado, vive-se sob a ameaça de guerra civil em diferentes continentes, e o aumento da pobreza ocorre também de forma disseminada, trazendo pragas, conflagrações e superstições. “Talvez o conceito de *barbarização secundária* englobe melhor o impacto global do metropolitano dos nossos dias sobre a periferia do mundo” (BAUMAN, 1998, p. 34).

Já a desregulamentação universal, Bauman a associa à supervalorização do mercado e ao desvio do projeto de comunidade, como uma alternativa privilegiada para a construção de uma vida digna e decente. O resultado, segundo ele, conduz a uma excessiva liberdade concedida ao capital e aos interesses financeiros em detrimento de outras liberdades e ao aprofundamento das desigualdades sociais e ao aumento da pobreza. Como consequência desse processo, obtém-se o enfraquecimento das redes de segurança, o esfacelamento do estado de bem-estar e a aceleração o processo de polarização social. Estabelece-se, desse modo, a desvalorização de todos os argumentos, em favor dos econômicos.

Para Bauman, o enfraquecimento das outras redes de segurança, então oferecidas pela vizinhança e pela família, decorre do crescente espírito de consumismo e de individualismo que

³ Essa expressão foi tomada de empréstimo por Bauman a Marcus Doel e David Clarke, que, no seu livro *Street Wars: Space, Politics and de City*, referem-se à atmosfera de insegurança, ameaça e temor a que estamos cotidianamente submetidos em nossas cidades. Para mais detalhes ver BAUMAN, 2004, p. 33-37.

hoje permeiam as relações interpessoais, até mesmo as mais estreitas. Os laços gerados pela nova pragmática social não se supõem nem esperam ser tratados como duradouros. Segundo ele,

[...] não prometem a concessão nem a aquisição de direitos e obrigações [...] A lenta, mas implacável, dissipação e esquecimento induzido das habilidades sociais conduz à outra parte da censura. O que costumava ser apresentado e mantido conjuntamente pelas habilidades individuais e com o uso de recursos inatos tende agora a ser mediado por ferramentas tecnologicamente produzidas e que podem ser compradas no mercado. (*ibid.*, p. 35).

Já a incerteza radical em relação aos propósitos dos mundos material e social refere-se, de acordo com Bauman, ao poder que os meios de comunicação exercem hoje no ambiente sócio-cultural. Disseminando a idéia da flexibilidade e indeterminação da realidade mundana, de forma intensa e persuasiva, esses meios de comunicação espalham a sensação de que “[...] neste mundo tudo pode acontecer e tudo pode ser feito, mas nada pode ser feito de uma vez por todas [...] Nada pode ser conhecido com segurança e qualquer coisa que seja conhecida pode ser conhecida de um modo diferente.” (*ibid.*, p. 36)

Risco e audácia tomam lugar da certeza na busca dos objetivos traçados e aquilo que é aparente, simples espectro, torna-se mais importante que o original. Com base nesse modo de existência, afirma-se:

Viver em condições de esmagadora e auto-energizante incerteza é uma experiência inteiramente distinta da de uma vida subordinada à tarefa de construir a identidade, e vivida num mundo voltado à construção da ordem... ao lado do colapso da oposição entre a realidade e sua simulação, entre a verdade e suas representações, vem o anuviamento e a diluição entre o normal e o anormal, o esperável e o inesperado, o comum e o bizarro, o domesticado e o selvagem, o familiar e o estranho, *nós* e os estranhos. (*ibid.*, p. 37)

Nessa condição de contingência e de risco, onde as fronteiras do mundo físico, social e cultural se mostram pouco perceptíveis, o que se coloca como desafio mais urgente e angustiante para os indivíduos, segundo Bauman, é a busca de sua identidade. Nesse caminho, duas questões exigem ser enfrentadas e respondidas:

- Qual a real posição que ele (indivíduo) ocupa nessa sociedade contemporânea?
- Qual o lugar que deve buscar ocupar nessa estrutura, de forma que possa planejar sua vida com um mínimo de segurança, diante das suas regras que costumam mudar *da noite para o dia*?

O caminho é penoso porque construir uma identidade, fundamentada e resistente às mais diversas oscilações, revela-se “mais uma desvantagem do que uma qualidade para aquelas pessoas que não controlam suficientemente as circunstâncias do seu itinerário de vida; um fardo que dificulta o movimento” (BAUMAN, 1998, p. 38). Conseqüentemente, dificuldades também são encontradas para construir um projeto de vida. Quanto mais dificuldades as pessoas tenham para construir suas identidades e para controlar suas vidas, mais elas estranharão e afastarão o outro que não conseguem encaixar no seu mapa cognitivo, estético ou moral. Esse *estranho* é necessariamente afastado porque, conforme Bauman, sua simples presença torna confuso o que deve ser coerente e turvo o que deve ser transparente, impedindo a satisfação do que precisa ser satisfeito. Dessa forma, o estranho torna-se o fato gerador da incerteza e, como tal, o portador do mal-estar.

DESVELANDO AS ORIGENS DO MAL-ESTAR CONTEMPORÂNEO: O ENCONTRO COM FREUD

Ao estabelecer uma relação entre o estranhamento do outro e a geração do mal-estar, pode-se estabelecer o vínculo entre o mal-estar contemporâneo em análise nesta pesquisa e o mal-estar da modernidade, trazido à luz pela escrita de Freud no seu clássico texto, lançado originalmente em 1930, sob o título de *O Mal-Estar na Cultura*. Importante, portanto, rememorar-lo, porque, por meio de sua análise, é possível chegar ao princípio ou ao motivo original e comum a todo o mal-estar existente na civilização e na cultura, que há de nos revelar que “o mal-estar é inerente a qualquer tipo de civilização, em qualquer estágio evolutivo” (ROUANET, 2001, p. 96) e que esse mal-estar na pós-modernidade é apenas a forma contemporânea assumida pelo mal-estar na civilização.

Freud inicia suas reflexões nesse texto perguntando-se sobre os propósitos e fins da vida humana e, ao concluir que todos eles se direcionam à conquista da felicidade, questiona-se por que é ela tão difícil de ser alcançada. Conclui que três são as fontes de sofrimento humano: a supremacia da Natureza, a caducidade inevitável do nosso corpo e a insuficiência dos nossos métodos para regular as relações humanas na família, na sociedade e no Estado. Para ele, se a Natureza será sempre indomável, se o organismo humano, formado por uma parte natureza, será também sempre limitado e submetido à morte, por que razão as instituições criadas pelo próprio homem não são capazes de protegê-lo e de oferecer bem-estar a todos? A suspeita que ele levanta é que aí também “poderia se ocultar uma porção indomável da natureza, tratando-se esta vez de nossa própria constituição psíquica” (FREUD, 1973, Tomo III, p.3031). Esta suspeita o conduz a continuar indagando e ele prossegue com a seguinte questão: por que caminho se chega a essa estranha hostilidade, à cultura⁴? A sua hipótese direciona-o para as contradições, frutos da produção cultural, que o conduzem a pensar que nem o domínio da Natureza nem os progressos técnicos são capazes de levar o homem à felicidade. Se as conquistas da cultura são capazes de aproximar o ser humano da imagem de Deus, essas mesmas conquistas são também capazes de impor limites, especialmente às disposições instintivas, cerceando assim a liberdade individual. É o mesmo Freud que afirma:

Tempos futuros trarão novos e quiçá inconcebíveis progressos neste terreno da cultura, exaltando ainda mais a deificação do homem. Porém não nos esqueçamos, em razão do interesse de nosso estudo, que tampouco o homem de hoje se sente feliz em sua semelhança com Deus. (*ibid.*, p.3034).

Sublimação, repressão e frustração cultural regem o vasto domínio das relações sociais e são elas responsáveis, conforme Freud, pela hostilidade imposta à cultura. Portanto, é “[...] preciso reconhecer a medida que a cultura repousa sobre a renúncia das satisfações instintivas, ou seja, até que ponto sua condição prévia se apóia precisamente na insatisfação de instintos poderosos” (FREUD, 1973, Tomo III, p. 3038). A renúncia a essas satisfações instintivas se iniciou quando o homem primitivo, em busca de melhorar seu destino por meio do trabalho, é levado a viver em comunidade e a constituir família. Esse novo modo de vida apóia-se em dois fundamentos: na obrigação ao trabalho e no amor sexual. No curso da evolução social a cultura passa a impor pesados sacrifícios à sexualidade e às tendências agressivas. Por exemplo, a

⁴ Freud designa de cultura todas as produções e instituições que distanciam nossa vida da dos nossos antecessores animais. Para ele, as produções artísticas e científicas, os sistemas religiosos, as especulações filosóficas e especialmente as formas de regulação das relações sociais, que permitam a vida em comum, integram a cultura.

primeira fase cultural do totemismo religioso⁵ traz a exigência de proibição à eleição de um objeto incestuoso, onde o indivíduo abre mão do incesto em benefício da sexualidade exogâmica e da promiscuidade em benefício da monogamia. Abdica também da gratificação indiscriminada de seus impulsos agressivos e, mais tarde, submete-se à imposição de uma vida sexual idêntica para todos, implícita nas proibições, que não consideram as diferenças entre os indivíduos. Daí a afirmação: “o homem civilizado trocou uma parte de possível felicidade por uma parte de segurança” (*ibid.*, p. 3048). Civilização, para Freud é a sociedade moderna e pode ser identificada como uma ordem imposta à humanidade naturalmente desordenada. O mal-estar dela decorrente advém do excesso de ordem ou da supressão de liberdade. Assim:

[...] tal como fatalmente deve conflitar-se em cada indivíduo as duas tendências antagônicas – a felicidade individual e a união humana, [social] – assim também não de enfrentar-se pela força, disputando-se o terreno, ambos os processos evolutivos: o do indivíduo e o da cultura”. (*ibid.*, p. 3064).

Se Freud localizou a origem do mal-estar da civilização nos limites à liberdade e na excessiva ordem ou segurança, Bauman atribui o mal-estar da pós-modernidade aos mesmos elementos, porém inversamente colocados, ou seja, o mal-estar de hoje, segundo ele, deve-se ao excesso de liberdade e à falta de segurança. Provém “[...] de uma espécie de liberdade, de procura do prazer, que tolera uma segurança individual pequena demais. [...] Sem dúvida: liberdade sem segurança não assegura mais firmemente uma provisão de felicidade do que segurança sem liberdade” (BAUMAN, 1998, p. 10). Interessante notar, de acordo com determinados críticos da cultura trazidos pela letra de Rouanet, que a relativização da liberdade pós-moderna não deve ser tomada apenas pelo aspecto da falta de segurança. Segundo ele,

[...] é justamente da liberdade que partem agora os impulsos para dominar os homens. A repressão assume a forma da liberdade. A violência contra o pensamento não se manifesta mais como proibição de pensar, o que nas condições atuais de condicionamento invisível significa liberdade de pensar o que todos pensam. A violência contra a vontade popular não se exerce mais pela tirania, mas por um sistema democrático cujas regras formais de funcionamento impedem uma verdadeira contestação do poder existente. (ROUANET, 2001, p. 98).

Para Bauman, particularmente, a raiz dessa insegurança pós-moderna localiza-se no cenário de incertezas que decorrem, como já foi analisado anteriormente: da nova desordem do mundo; da desregulamentação universal; do enfraquecimento de redes tradicionais de segurança; da dúvida radical em relação aos propósitos do mundo material e social, e da atividade política dentro deles. Nesse cenário, a decisão sobre a identidade pessoal parece depender não só do reconhecimento da existência e dos direitos daquele que lhe é *estranho* e diverso, como também da influência dos aspectos sócio-econômicos sobre cada indivíduo e sobre cada grupo social. Num mundo onde a força do capital é maior do que o ideal solidário, onde o consumo e não mais a produção torna-se a medida de uma vida bem sucedida, onde as melhorias econômicas já não anunciam o fim do desemprego, onde há pouco espaço para planejamento de longo prazo e para esperanças de longo alcance, a afirmação neo-realista insiste em se manifestar “não existe mais salvação pela sociedade”, ou seja, a responsabilidade pela situação humana foi privatizada e os

⁵ O tema do tabu do incesto é trabalhado magistralmente pelo texto clássico Totem e Tabu (1912-1913) In: Obras Completas, Tomo II de Sigmund Freud. Sua leitura poderá ser complementada e atualizada pela consulta a obra Fábrica de Deuses: a teoria freudiana da cultura de José Euclimar Xavier de Menezes, São Paulo: Ed. Unimarco, 2000.

instrumentos e métodos de responsabilidade foram desregulamentados.⁶ Essa afirmação aponta para a constatação do grande enfraquecimento do Estado nos últimos tempos – não existem mais órgãos conjuntos, coletivos e visíveis responsáveis pela ordem societária global.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mal-estar que emerge dessa contemporaneidade possivelmente está conectado com o fato de que a responsabilidade pela situação humana está ameaçada:

Num mundo em que os principais atores já não são estados-nações democraticamente controlados, mas conglomerados financeiros não-eleitos, desobrigados e radicalmente desencaixados, a questão da maior lucratividade e competitividade invalida e torna ilegítimas todas as outras questões, antes que se tenha tempo e vontade de indagá-las [...]. (BAUMAN, 1998, p. 61)

A não submissão ao capital e à ordem econômica que ele impõe por meio da busca desenfreada pela lucratividade e pela competitividade deve conduzir os estudiosos a encontrar tempo e juntar vontades para prosseguir indagando sobre o desenrolar da vida social contemporânea. Em razão dessa demanda é que o presente estudo caminha em busca de “ordenar o desordenado, simplificar o complexo, ‘destemporalizar’ o temporário” (*ibid.*, p. 106)⁷, para então clarear o cenário da experiência contemporânea. Nessa trilha emerge a indagação: será possível realizar, pela análise das instituições e dinamismos sociais e por meio da condição de cultura e do mal-estar contemporâneos, a decifração das condições de subjetivação na atualidade?

A questão colocada remete o pesquisador de volta ao do fenômeno da *exterioridade*, hoje tão presente nos mais variados aspectos da vida.

E o que sabemos que não temos é a facilidade de retirar a estrutura do mundo da ação dos seres humanos; a solidez firme, de pedra, do mundo exterior à flexibilidade da vontade humana. Não que o mundo tenha se tornado subitamente submisso e obediente ao desejo humano; assim como, em vez disso, com demasiada frequência, ele não dá importância à intenção e esforços humanos, desvirtuando e desviando facilmente os efeitos dos trabalhos humanos. (*ibid.*, p. 111-112).

Num mundo cada vez mais dominado pelo que vem de fora, o tempo já não estrutura o espaço. Já não é mais um vetor, um fluxo que indica direções no sentido *para frente ou para trás*. Importante lembrar que, na Modernidade, os homens e mulheres modernos viveram um tempo-espaço sólido, durável. A projeção do espaço sobre o tempo fornecia ao tempo características que só o espaço possuía: dava-lhe direção, itinerário, estrutura. Vivendo nesse mundo estruturado, uma pessoa podia *perder-se*, mas, com conhecimento e determinação, era capaz de achar seu caminho de volta.

No mundo de hoje, há uma *destemporalização do espaço*. Passado e presente não mais se relacionam nas mesmas bases que o faziam no mundo moderno. O fluxo do tempo manifesta-se num presente contínuo. As regras do jogo são mais erráticas e não param de mudar ao longo de

⁶ Esse tema é tratado em profundidade por Bauman (1998) na seção III, denominada “Os estranhos da era do consumo: do estado de bem-estar à prisão”.

⁷ Conforme Bauman, o ordenado, o simples, o extratemporal, representam a *teoria* e o desordenado, o complexo e a história representam a *experiência*, em que os estudiosos, como habitantes de seu tempo, estão imersos.

toda a disputa. A estratégia é manter curto cada jogo, tomando cuidado com os compromissos de longo prazo e vivendo um dia de cada vez. Nada a se fixar: nem lugares, nem idéias, nem pessoas. Pergunta-se então:

Como pode alguém viver como peregrinação se os relicários e santuários são mudados de um lado para o outro, são profanados, tornados sacrossantos e depois novamente ímpios num período de tempo mais curto do que levaria a jornada para alcançá-los? Como pode alguém investir numa realização de vida inteira, se hoje os valores são obrigados a se desvalorizar e, amanhã, a se dilatar? (BAUMAN, 1998, p. 112)

Num mundo como esse, onde o durável foi substituído pelo efêmero, projetado para o rápido envelhecimento, a identidade das pessoas como a das coisas pode ser adotada e descartada sem muito problema ou sofrimento aparente. “O eixo da estratégia de vida pós-moderna não é fazer a identidade deter-se – mas evitar que se fixe.” (*ibid.*, p. 114). O nome desse jogo é mobilidade, e a forma de controle que sobre ele se exerce é o chamado controle situacional, relacionado com a habilidade de escolher onde e com que partes do mundo relacionar-se. Essa desregulamentação e privatização do controle se projetam sobre a organização do espaço e das identidades. Determinam a obsolescência do sistema de controle panóptico: não se pode mais pensar em utilizar um tipo de controle ou de poder, formado por estruturas firmes e bem definidas. Ele perdeu sua funcionalidade pela impossibilidade de aplicação. O controle, na situação de incerteza, é também fluido, dissimulado, ainda que fortemente invasivo. É exercido em forma de rede, despersonalizado e preferencialmente disseminado através dos meios de comunicação. Menos panóptico, mais Orwell⁸, menos disciplinar, mais persuasivo, menos assumido, mais dissimulado.

Nesta condição de cultura, onde o saber e o poder assumem novas características e modelos aparentemente novos são recombinaos, pergunta-se: que modos de subjetivação são configurados e que tipo de impacto exercem sobre a constituição da subjetividade contemporânea?

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução de Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas, Tomo III**. Tradução para o espanhol por Luis Lopez-Ballesteros Y de Torres, Madrid, Espanha: Editorial Biblioteca Nueva, 1973.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves, São Paulo: Edições Loyola, 2004.

LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**. tradução de Ricardo Corrêa Barbosa, Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

ROUANET, Sergio Paulo. **Mal-estar na modernidade: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

⁸ Refere-se ao clássico “1984”, de George Orwell, que traz a idéia do *Big Brother*.